Historiando

Curral Velho

Foto: Aline Baima

Foto: Arquivo Instituto Terramar

Foto: Arquivo Instituto Terramar

Foto: Leonardo Melgarejo

rede Tucum

viva essa experiência!

Curral Velho
(Acaraú/CE)

Alexandre Oliveira Gomes

João Paulo Vieira Neto

Fortaleza/CE
Dezembro de 2010

Historiando Curral Velho (Acaraú/CE)

Relatório de Pesquisa

Autoria

Alexandre Oliveira Gomes

João Paulo Vieira Neto

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica

Alessandra Guerra e Fernando Sousa

Fotos da Capa

Aline Baima, Arquivo Instituto Terramar e Leonardo Melgarejo

Impressão

Capa: Expressão Gráfica

Miolo: Eurocópia Gráfica Rápida

Este material foi produzido pelo Instituto Terramar e pela Rede Cearense de Turismo Comunitário (Rede Tucum) e corresponde a uma ação do projeto Turismo Comunitário: afirmando identidades e construindo sustentabilidade, iniciativa aprovada em 2008 no edital do Ministério do Turismo de Apoio a Iniciativas de Turismo de Base Comunitária.

Apoio

Intervita
www.intervita.it

Ministério do Turismo

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

O conteúdo dessa publicação pode ser reproduzido, total ou parcialmente, desde que citada a fonte.

Sumário

Apresentação	04
1. Patrimônio Ambiental	06
2. Manifestações Culturais	10
3. Histórias e Lendas	12
4. Lugares de Memória	17
5. Saberes e Modos de Fazer	20
6. Música e Literatura de Cordel	25
7. Guardiões da Memória	34
8. Sobre os Autores	42
9. Fotografias	43

Apresentação

Este relatório é fruto de uma parceria realizada entre o Projeto Historiando[1] e a Rede Cearense de Turismo Comunitário – Rede Tucum[2], para a estruturação de espaços de memória e o desenvolvimento de processos museológicos e de educação histórica em comunidades litorâneas que participam desta proposta de desenvolvimento sustentável através de um turismo de base local.

O Projeto Historiando surgiu em 2002, a partir da iniciativa de profissionais das áreas de História e Patrimônio comprometidos com a educação enquanto ferramenta de transformação social; com o objetivo de pesquisar e contar a história de comunidades a partir da perspectiva de seus moradores, utilizando metodologias que estimulam a autonomia, buscando extrapolar os conteúdos escolares e experimentando maneiras diferenciadas de vivenciar o processo de ensino-aprendizagem através da educação para o patrimônio cultural, no sentido de fortalecer a organização local a partir da apropriação da memória enquanto instrumento de luta e de inserir a importância da discussão sobre a construção social da memória na ótica das lutas dos movimentos sociais.

Como a memória se expressa em nossas comunidades? O que é o nosso patrimônio? Qual é a nossa história? Como se escreve a história? Quem escreve a história? Quem escolhe o que é importante ser lembrado? Ações como esta possibilitam a redescoberta de nossa comunidade, de nossa rua, de nosso meio ambiente, de nossa família, de nós mesmos: do que devemos cuidar e preservar no lugar em que nascemos e vivemos os dias mais felizes de nossas vidas. Quem, melhor que a comunidade, para escrever a sua história?

Durante o processo de pesquisa, realizado na comunidade de Curral Velho, no município de Acaraú, no segundo semestre de 2009, identificamos coletivamente o patrimônio cultural local e os seus significados, através da organização de ações educativas que dialogam com a memória local, tanto no sentido de buscar registros sobre a história como também construí-los. A metodologia utilizada incentivou a

[1] Sobre o Projeto Historiando, acesse: http://www.iteia.org.br/projeto-historiando-historia-memoria-e-antropologia-no-ceara1

[2] Para saber mais sobre a Rede Tucum, acesse www.tucum.org.br

participação e o fazer coletivo. Os ministrantes atuaram enquanto facilitadores da ação educativa, e os grupos de pesquisa foram organizados a partir das diversas oficinas de pesquisa histórica e das afinidades temáticas e pessoais. Dentre estas oficinas, destacamos: a de oralidade, na qual se mapeia e entrevista os guardiões da memória local; a dos objetos, que propicia a formação e a identificação de acervos; a dos lugares de memória, que realiza um inventário da memória presente em importantes locais para a história local. A oficina de pintura (mural e tecido), ministrada pelo artista plástico e historiador Naigleison Santiago, são momentos de expressão da história, como também este relatório e a exposição, feitas a partir de toda a pesquisa realizada e dos materiais construídos durante o processo de sua realização.

Os pesquisadores, jovens e adultos de Curral Velho dividiram-se em cinco grupos temáticos, que foram: patrimônio ambiental, manifestações culturais, histórias e lendas, lugares de memória e guardiões da memória. Tais grupos foram escolhidos durante a pesquisa, entre outros possíveis, e partem de uma concepção antropológica e plural do conceito de cultura, patrimônio e memória. Esta iniciativa, se continuada e potencializada, pode originar um espaço de memória comunitário, pois forma um acervo de cultura material, se constitui enquanto um mapeamento do patrimônio local e inicia uma capacitação de jovens para o trabalho com o patrimônio cultural, enquanto vetor de desenvolvimento sociocultural.

Agradecemos especialmente à comunidade do Curral Velho, por nos proporcionar um conhecimento de sua história.

Este relatório é o resultado de uma seleção do material produzido durante o curso, uma leitura possível da história local, contada pelos próprios moradores. Junto a uma exposição organizada sobre e para a comunidade, que será inaugurada no Centro Comunitário Encante do Mangue, são as ações que finalizam o curso Historiando Curral Velho.

Boa leitura!

Alexandre Oliveira Gomes e João Paulo Vieira Neto

1. Patrimônio Ambiental

A natureza também é um patrimônio, pois o modo de vida da comunidade está intimamente relacionado com os ecossistemas naturais, dos quais retiram seu sustento. Sem a preservação do patrimônio natural, a sobrevivência dos moradores está ameaçada. O patrimônio ambiental são espaços naturais que recebem significados especiais, a partir da relação com ele estabelecida pela população local. São os manguezais, as dunas, a praia, as gamboas e o apicum. Durante o curso Historiando Curral Velho (Acaraú/CE) pesquisamos sobre cada um destes ambientes e sua importância para o modo de viver comunitário. Conversamos com os mais antigos, pesquisando sobre as modificações dos ecossistemas e os registramos através de fotografias, aprendendo o quanto o patrimônio ambiental ou natural é importante para a sobrevivência física e cultural desta comunidade.

Manguezais

No encontro do rio com o mar, floresce o manguezal. Fruto da mistura das águas doces dos rios e das águas do mar, este ecossistema costeiro apresenta ampla distribuição no planeta, ocorrendo nas zonas tropicais e subtropicais, onde ocupam regiões tipicamente inundadas pelas marés, tais como estuários, lagoas costeiras, baías e deltas. Caracterizam-se por uma vegetação típica, chamada mangue, palavra de origem guarani que significa árvore retorcida. Assim, quando falamos de manguezal nos referimos ao ecossistema, ou seja, ao conjunto de todos os seres vivos, da fauna e da flora, em relação com o meio natural. Quando falamos em mangue, estamos nos referindo somente à vegetação que é característica desse ecossistema.

Este ecossistema é de grande importância para a comunidade, pois fornece recursos e produtos importantes para a economia local, que garantem a segurança alimentar, como mel, madeira, mariscos, crustáceos como a maria-farinha e outros. Além disso, são fontes de lazer e recreação para toda a comunidade.

O manguezal é muito importante para o nosso planeta, pois deixa o ambiente mais saudável dada a sua capacidade de filtrar as impurezas do ar e das águas, contribuindo, assim, para diminuir os efeitos das mudanças climáticas. Com a devastação dos manguezais, o clima ficará muito quente e a comunidade, que aqui mora, sofrerá bastante. Com o passar do tempo os moradores teriam que abandonar suas casas e irem embora porque a maré avançaria.

Gamboa

Gamboa é uma junção de água salgada que corre entre o manguezal, abrigando muitos caminhos onde se reproduzem e vivem búzios, ostras, sururus, caranguejos, siris, peixes, dentre outros. É nela que os peixes se defendem dos predadores. É de extrema importância para a vida marinha, pois é considerada a maternidade do mar.

A comunidade costuma se reunir aos domingos para se divertir nas gamboas, onde pescam, tomam banho, comem ostra, peixe assado, pirão de siri, tudo pescado na hora. Uma vez aterrada ou poluída, a vida marinha que habita nela morreria e causaria grande impacto ambiental e social.

Por falar em impacto ambiental e social, um dos principais problemas enfrentados pela comunidade foi a carcinicultura. Esta atividade trata da criação de camarão em viveiros escavados nos manguezais, portanto, ela precisa de grandes áreas de manguezal e água. Com a sua vinda para cá, houve vários problemas: ocupação de terras; divisão da comunidade; violações aos direitos humanos, havendo casos de intimidação física e psicológica dirigida às pessoas que resistiam a esta atividade; devastação da vegetação de mangue, de áreas de carnaubais e mata ciliar, provocando a desestruturação da paisagem; desestruturação das funções ecológicas do manguezal; comprometimento das atividades comunitárias, por conta da salinização do solo; destruição das espécies que dependem desse ecossistema para completar seu ciclo de vida e que são importantes para a nossa soberania alimentar; contaminação das águas; etc.

Dunas

As dunas, também conhecidas por morros, são montes de areia bem fina e branca, grandes ou pequenos. Segundo os pescadores da comunidade, elas servem para o mar não avançar, uma espécie de proteção natural. A vegetação dunar se constitui de mangue, pião, salsa, ameixa, imburana, entre outras. Abriga algumas vidas animais, como pássaros, cobras, jumentos, cabra, gado, etc.

Ilhas

As ilhas são pequenas porções de terra cercadas por água salgada, formadas quando a maré sobe. Num passado recente, abrigou famílias que criavam animais domésticos, como galinhas e cabras. Tinham suas pequenas plantações de feijão, batata, milho, mandioca, etc. Atualmente, moram famílias em apenas duas ilhas, a ilha da Dona Polônia e a ilha da Praia de Arpoeira. Em algumas ilhas desabitadas os animais pastam.

Apicum

É uma área nos arredores do manguezal, que também é conhecido por "salgado". É de grande importância para o equilíbrio e a manutenção da biodiversidade da natureza. Destruí-los é anunciar a morte do ecossistema manguezal, debilitando as condições de vida de mais de 65% das espécies de peixe e demais organismos, que necessitam dos estuários para nascer, crescer e reproduzir-se. Abriga vidas como o Chié, que tem como uma das funções 'arar' a terra do "salgado" para os mangues se desenvolverem.

Riacho ou Barrancos

São correntes de água doce. Em época de chuva, esses locais ficam maravilhosos para o banho e para a diversão da criançada. Na época em que só se encontrava água nas cacimbas, toda a comunidade utilizava os riachos para lavar roupas, tomar banho, dar água para os animais. Ainda hoje,

mesmo com as casas tendo água encanada, os riachos, ainda, são utilizados e frequentados.

Praia de Arpoeiras

Antes de se tornar Praia de Arpoeiras, esse lugar era habitado por muitas famílias que lá moravam e que aos poucos foram saindo por conta dos fortes ventos e da falta de água de boa qualidade. Vindos dos currais de pesca, os pescadores chegavam com os peixes, faziam pequenas cabanas, levavam bebida e os assavam. Quando chegava alguém, vendiam bebidas e peixe assado. E foi assim que tudo começou. O Prefeito Manuel Duca da Silveira Neto, vendo todo este movimento, teve a iniciativa de abrir uma estrada para dar acesso aos banhistas. Os primeiros barraqueiros foram: José Alves, Odeon, Aristeu e Raimundo Amélia. Hoje é um ponto de lazer de toda a sociedade acarauense e das cidades vizinhas.

O principal prato vendido na praia é o baião de dois com peixe frito. Tem água rasa, possibilitando às crianças tomarem banho e os pais ficarem despreocupados. É, também, conhecida como a maior praia seca do mundo. A água vem, quando a maré enche e depois volta, deixando a área totalmente seca, com os currais à vista, por vários quilômetros, horizonte adentro.

2. Manifestações Culturais

Curral Velho é um lugar riquíssimo em manifestações culturais. Durante a pesquisa, realizamos um mapeamento das expressões culturais, hoje existentes na comunidade e as que ainda resistem nas lembranças dos mais antigos. Entre as mais lembradas por nossos guardiões da memória, destacamos o Reisado e o Drama.

As expressões, hoje, mais presentes em Curral Velho são as novenas, as coroações e a prática do futebol, que reúne toda a comunidade e até mesmo outras, que vêm jogar no campo da comunidade. Estas manifestações constituem formas culturais de diversão para a comunidade, ontem e hoje.

Reisado

Segundo o relato do senhor Afonso Bernardo da Silva, o grupo de Reisado era composto por seis pessoas. Os personagens eram o cabeça de fogo (caburé), o caçador, o bode, a burra, o jumento e o boi. Uma apresentação durava cerca de oito horas, indo das vinte e uma às seis horas da manhã. Essas apresentações aconteciam nas casas das pessoas da comunidade.

Drama

O Drama é uma espécie de dramatização encenada por mulheres que ficavam atrás de uma cortina, vestidas de saia estilo "baiana", com um lenço amarrado na cabeça e uma cesta no braço, oferecendo flores. Esta manifestação cultural, muito praticada pelos nossos mais antigos, chegou na comunidade através de um circo que tinha em Acaraú. Era uma das principais diversões da comunidade, que lotava as casas onde acontecia o show. A dona Librada, uma das mulheres que dançavam o drama antigamente, nos falou que oferecia flores para o seu Antônio, cantando a seguinte música:

"Senhor Antônio
Não vá se arrepender
Compre essa rosa
Que a Librada vai vender."

Quando ela acabava de cantar a música, pegava uma faixa e colocava no ombro do seu Antônio, que retribuía dando dinheiro pra ela. Segundo Dona Eulina, ela aprendeu a dançar drama com dona Rosa. Ela nos contou que mulheres como Dona Eulina, Rosa, Marizé, entre outras, eram famosas e dançavam em vários lugares, como nas localidades de Cruz e Almofala. Tinham uma agenda cheia. Falou-nos, ainda, que adorava quando iam a outros lugares, porque chamavam a atenção dos rapazes por onde passavam, "que saudade daquele tempo..."

Novenas

As novenas são celebrações religiosas muito praticadas na comunidade. A primeira novena que aconteceu na comunidade foi na casa do seu Raimundo Mariano, onde as pessoas se reuniam para uma pequena celebração. Também aconteciam as festas de Santo Antônio, São Pedro, São João e São Sebastião, que naquela época atraiam muita gente para ouvir as novenas.

Quadrilhas

Iniciaram-se em 2003, organizadas pela comunidade. A Crizeuda era responsável por ensinar para os jovens e a Lúcia Helena para as crianças. Os ensaios eram no período da tarde para as crianças e no turno da noite para os jovens.

As quadrilhas acontecem no mês de junho, no período das férias escolares. No dia da apresentação, há encenação do casamento, dança da quadrilha e logo após uma seresta que entra noite adentro. Hoje, já não existe mais a quadrilha de crianças, só a de jovens, que para não deixar a tradição morrer, se responsabilizam pelos ensaios, pelas roupas e tudo o que for necessário para esta manifestação acontecer. Só que não se ensaia mais aqui, como de costume, e nem se dança aqui, como antigamente. A quadrilha, que começou sem nome, hoje se chama Brisa do Mar, e se apresenta em um festival de quadrilhas que o governo municipal de Acaraú organiza.

3. Histórias e Lendas

A história recente do Curral Velho está marcada por uma intensa luta pela posse da terra e contra a especulação oriunda do estabelecimento da atividade comercial da carcinicultura, que é a criação de camarão em cativeiro, nos manguezais do entorno da comunidade. Esta luta demonstra a resistência e a luta do povo do Curral Velho, que se materializa no processo de organização comunitária. Através do depoimento dos mais antigos de Curral Velho, reunimos as principais histórias da comunidade, que mostram um pouco desta mobilização, das quais destacamos a história da derrubada das cercas e do desate.

As lendas são um conjunto de narrativas, geralmente compartilhadas à beira das fogueiras, comendo peixe assado com 'grolado'. Estas estórias nos são contadas por pessoas mais antigas, que as presenciaram e/ou ouviram dos mais velhos, geralmente passadas de uma geração a outra, através da oralidade.

Ouvimos os relatos de pessoas que participaram diretamente das lutas que ocorreram na região e que hoje fazem parte da nossa história. Conversamos também com pessoas que afirmam terem visto coisas assustadoras e arrepiantes nas noites de lua-cheia em Curral Velho. Coisas essas que viraram personagens das lendas mais intrigantes da comunidade.

Histórias

A história das derrubadas de cercas e do Desate

A carcinicultura estava invadindo Curral Velho. Os carcinicultores estavam construindo cercas onde não deviam, ameaçando o precioso Curral Velho e proibindo, até mesmo, a passagem dos moradores por lugares onde foram criados e criam os filhos.

Apesar de algumas pessoas terem aceitado esta agressão, a

comunidade, em sua maioria, não queria "perder" Curral Velho tão facilmente para os carcinicultores de fora, que vieram de longe. Decidiram, então, se organizar para resistir. Com machados e facões derrubaram as cercas construídas.

Os carcinicultores não desistiram de construir seus viveiros e a comunidade de Curral Velho não desistia de lutar por seus direitos. Certo dia, para ser mais exato, no dia 07 de setembro de 2004, um grupo de moradores da comunidade, entre eles crianças e adolescentes, estavam extraindo recursos dos manguezais para a sua sobrevivência e foram surpreendidos por balas de chumbo lançadas por seguranças da fazenda de camarão.

Por conta desse acontecimento, senos reuniram com outras comunidades e entidades solidárias e no dia 09 de outubro de 2004, realizaram um protesto que ficou conhecido como Desate. Eram mulheres, velhos, homens, crianças e adolescentes lutando para preservar o mais importante patrimônio ambiental de Curral Velho — o manguezal — e para denunciar as violências que a comunidade estava sofrendo com a carcinicultura.

Mentinha, uma poetiza da comunidade assim retratou esse acontecimento:

A História do Desate

Aconteceu em Curral Velho
No dia sete de setembro
Foi algo muito triste
Acho que ainda me lembro

Houve tiros e torturas
Em adultos e adolescentes
Dados por policiais
Que se achavam inteligentes

"Precisamos de ajuda!"
Gritou a comunidade
Outras pessoas ouviram
E vieram com vontade

Brancos, negros e índios
Todos rumo ao resgate
De uma liberdade perdida
Formamos um grande DESATE

O que era isso?
Ninguém sabia
Destruir os agressores
Era o que a gente queria...

De nossa luta não desistimos
Fomos em frente sem fraquejar
E nossos direitos, com certeza
A gente iria conquistar...

A luta foi grande, e ainda é...
Contra a carcinicultura
Que trouxe desgraças
Isso pra gente foi uma tortura

Vencemos a luta
Com muita garra
Em um grande DESATE
Que não se "desamarrava"

Mobilização e organização
popular
O DESATE tem esse conceito
Ajuda a acabar
Com a exploração e o desrespeito

E foi isso que aconteceu
Dessa história ainda vou lembrar
Aquela foi uma grande luta
Que foi vencida pelos povos do mar...

Lendas

A Lenda da Botija

Antigamente, os tempos eram difíceis, ganhava-se pouco dinheiro, e esse "pouco" as pessoas juntavam para quando precisassem. Mas havia um problema, onde guardar o dinheiro? Resolveram então, enterrá-lo em qualquer lugar do chão. Conta à lenda que, com um certo tempo esse dinheiro, que provavelmente era guardado em uma botija, virava ouro, ouro puro, e a botija também.

Quando era noite de lua cheia, podia avistar-se de longe, um foguinho flutuando bem próximo do chão, era um fogo clarinho, azulado. Quem fosse até esse fogo e cavasse no local, encontraria uma botija de ouro e ficaria muito rico. Muitos contam que já viram o foguinho azul claro, mas ou não queriam ficar ricos ou estavam com medo de ir até o intrigante foguinho.

A Lenda do Assobiador

O povo conta que essa lenda surgiu por causa de Caim e Abel...

Ao matar Abel, que era um jovem rapaz, Caim, seu irmão, teve que carregar um grande peso em suas costas, como castigo por tê-lo assassinado.

Acontece que Caim, quando pára pra descansar do peso que carrega, emite um assobio forte e arrepiante que pode ser ouvido de muito longe. A meia noite se alguém passar e ouvir este assobio e imitá-lo, o assobiador o persegue e começa a dar chicotadas nas costas daquele que imitar o assobio de Caim.

Por isso surgiu essa lenda, e fica a advertência, não imite um assobio solitário à meia noite, do contrário você será perseguido e chicoteado.

A Lenda do Fogo da Velha

Essa lenda surgiu porque...

Há muito tempo um dono de salina da região, em uma noite, ia em alta velocidade em seu carro e sem querer acabou atropelando uma pobre velhinha.

Desde o ocorrido, começou a aparecer no local do acidente o reflexo de um carro, que era provavelmente o que tinha atropelado a velha.
Quando as pessoas viam este reflexo de longe, exclamavam assustadas e admiradas: - Olha o fogo da velha!
Diziam que só aparecia à noite e que só se podia ver um clarão, como se fossem faróis de um carro, não se ouvia barulho de carro, nem nada...
Só viam o suposto fogo da velha.

A Lenda do Lobisomem

Conta-se que o sétimo filho de um casal já nascia predestinado a ser um lobisomem. Com esta afirmação, surgem várias descrições de como é um lobisomem. Aqui em Curral Velho, dizem que os

lobisomens costumam correr com os cotovelos, daí o homem que tiver os cotovelos grossos e com calos é com certeza um lobisomem.

Para virar lobisomem um homem vai a um campo aberto, perto de onde ficam os animais, tira suas roupas, e começa a rolar pelo chão. Daí surge pêlos, suas orelhas e unhas crescem e pronto, sai por aí à procura de presa, de preferência galinhas.

Geralmente os homens que viram lobisomens são magros, pálidos, peludos e parecem fracos. Mas quando viram lobisomens possuem uma grande força. Isso pode acontecer raramente durante o dia. Nas noites de lua cheia é bem mais provável de se encontrar um lobisomem.

A Lenda do Caixão

Nas noites de lua cheia costumava aparecer nas ruas da comunidade um enorme e misterioso caixão preto. Muitos moradores de Curral Velho já o viram. Dizem que vão andando tranquilamente quando de repente, do nada, o caixão aparece. Se estiver mais de uma pessoa no local da aparição, apenas uma consegue vê-lo. As outras pessoas passam por cima e não enxergam. Quem vê logo se assusta e procura desviar imediatamente do caixão. Dizem que se clarear com a lanterna, não dá para ver o caixão. Por termos vários relatos de sua aparição a "Lenda do Caixão" é um dos grandes mistérios do Curral Velho.

4. Lugares de Memória

Os lugares de memória são locais importantes para a história da comunidade do Curral Velho. Esta equipe realizou um inventário da memória presente em locais importantes para a história local, pesquisando e registrando as histórias, como o Centro de Educação Ambiental e Turismo Comunitário Encante do Mangue, a igreja, a Gamboa do Paraíso, entre outros. Ouvimos os moradores mais antigos, escrevemos as histórias de cada lugar e os registramos através de fotos, para que assim todos pudessem conhecer os lugares que contam a história da comunidade.

Cemitério do Cidroca

Um grupo de pescadores da comunidade saiu para pescar e encontrou um corpo flutuando no mar e o levaram para o porto. Lá chegando os moradores não o reconheceram e nem sabiam de onde era. Resolveram dar-lhe o nome de Cidroca e o enterraram numa ilha. A partir de então os moradores da comunidade transformaram a ilha num cemitério que, por conta desta história, ficou conhecido por Cemitério do Cidroca. Isso aconteceu há mais de vinte e cinco anos atrás.

A criação do Cemitério do Cidroca beneficiou toda comunidade, pois naquela época não havia carros para levar os finados até o cemitério e o mais próximo localizava-se em Acaraú, um percurso muito longo e cansativo, cerca de sete a oito quilômetros de distância. Neste tempo, os finados eram levados numa rede, suspensa por uma vara de madeira, carregada por vários homens a pé, até o cemitério de Acaraú.

Com o avanço da maré, as casas da comunidade recuaram para o local onde hoje está a comunidade. O cemitério não está sendo mais utilizado, mas é um importante lugar de memória, pois ainda há vários parentes e amigos de toda a comunidade lá enterrados.

Centro de Educação Ambiental e Turismo Comunitário Encante do Mangue

Os carcinicultores queriam construir grandes tanques para criar camarões em cativeiro. Com essas construções, os empresários iam impedir a passagem de pescadores, tanto para o porto de Imburana quanto para as gamboas e manguezais —que são as maiores riquezas da comunidade. O objetivo dos carcinicultores era destruir todas as vilas de casas para que em seus lugares fossem construídos viveiros para criação de camarão.

Diante disso, a comunidade decidiu se mobilizar e mostrar para estes empresários que na comunidade de Curral Velho existe uma grande resistência contra a carcinicultura, que é uma atividade destruidora e poluidora do ecossistema manguezal. Decidiram, então, ocupar o território antes dos carcinicultores. Tiveram, então, idéia de construir um espaço onde pudessem se reunir, se encontrar e desenvolver projetos que levassem em consideração os modos de vida e a convivência com o manguezal, sem destruí-lo e ao mesmo tempo demarcasse o território tradicional da comunidade, que é um espaço livre e preservado.

Desta idéia surgiu o Centro de Educação Ambiental e Turismo Comunitário Encante do Mangue, construído no dia 07 de setembro de 2007 com o objetivo de proteger toda a área de apicum e manguezais, bem como garantir a sobrevivência e a liberdade do povo da comunidade.

Com a mobilização comunitária e a construção do Centro conseguiram impedir a destruição das casas e da fonte de vida da comunidade: o manguezal. Hoje, o lugar tem diversas funções e simboliza a força da organização comunitária, nos servindo como local para realização de diversas atividades, como reuniões, noites culturais, capacitações diversas, aulas de preservação ambiental, audiências públicas; além de atividades ligadas ao turismo comunitário, a exemplo da hospedagem de visitantes e da oferta de refeições.

Gamboa do Paraíso

Antigamente, a Gamboa do Paraíso era um lugar de lazer, nos finais de

semana e feriados as pessoas se juntavam lá para se divertir. Com muita alegria tomavam banho e desfrutavam das belezas, das riquezas naturais e dos produtos alimentares que existiam lá, como: peixe, ostra, siri, caranguejo, Maria-farinha (aratum), búzio, entre outros mariscos.

É por isso que ela recebeu o nome de Gamboa do Paraíso, justamente por todas as suas diversas belezas e riquezas. Isso deixava os moradores muito felizes, porque podiam percorrer toda aquela área sem correr nenhum risco de vida. A água não era poluída. Hoje, com o avanço das marés e as transformações no mangue, a Gamboa do Paraíso virou uma boa lembrança daquilo que existiu. Hoje não resta mais nada, só o deserto.

Igreja Nossa Senhora dos Navegantes

Antes da construção da igreja a comunidade fazia suas celebrações num prédio escolar. Foi então que surgiu a idéia de construir uma capela para que todos se reunirem e realizarem suas celebrações e orações. Coletivamente decidiram colocar o nome da igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, em homenagem a padroeira dos pescadores. A Igreja Nossa Senhora dos Navegantes foi construída em junho de 2002. Desde então os moradores se reúnem constantemente no lugar, em atividades de celebração, grupo de oração, grupo de intercessão, terço dos homens e grupo de jovens. De vez enquanto os padres celebram as missas.

5. Saberes e Modos de Fazer

Os saberes e modos de fazer da comunidade são os conhecimentos tradicionais que os moradores possuem para a construção de produtos e objetos, feitos de forma artesanal. A equipe responsável pela temática realizou um mapeamento destes saberes presentes no Curral Velho. Dentre os modos de fazer mapeados, destacamos: as técnicas para a construção dos currais de pesca e das casas de taipa, a arte de pescar, o artesanato em palha e renda, a culinária (comidas como grolado e pirão de peixe), o ofício das marisqueiras e dos pescadores, os saberes necessários para preparação da farinhada e o modo de fazer o mocororó, bebida tradicional de Curral Velho — os dois últimos heranças do modo de vida e da cultura dos povos indígenas.

Esta pesquisa sobre os saberes e os modos de fazer aconteceu através da busca de depoimentos, fotografias e registros. Sabemos que todos esses conhecimentos vêm sendo passados de geração a geração, mas alguns deles aos poucos estão se perdendo. Então, o trabalho do grupo que participou do curso Historiando Curral Velho vai ficar na memória, registrando para as gerações futuras de Curral Velho os saberes hoje presentes na comunidade.

Manzuá

O manzuá é outro tipo de armadilha para pescar muito usada para pegar o peixe e a lagosta. Eles são feitos com madeiras finas e arame. São colocados no mar, em lugares determinados. A despesca, que é o recolhimento dos peixes capturados, é feita de três em três dias, em média. José Expedito disse que ainda se usa muito essa atividade de pesca em Curral Velho

.

Casa de Taipa

A casa de taipa é um tipo de moradia muito conhecida nas pequenas comunidades no interior do Ceará. Elas são construídas com forquilhas,

varas, palhas e barro (argila). Manoel Graças é um dos construtores mais solicitados pelas pessoas que querem construir casas. Ele nos informou que a casa de taipa tem que ser toda medida de acordo com o gosto do dono. Diz também que essa atividade hoje não é muito exercida porque as pessoas estão derrubando as casas de taipa, substituindo-as por casas de tijolos. Aos poucos essas moradias estão se acabando.

Artesanato de palha de Carnaúba

O artesanato em palha era uma das atividades mais praticadas pelas mulheres de antigamente no Curral Velho. Elas pegavam o olho da palha verde e colocavam expostos ao sol para secar. Depois de secas, eram feitas tranças para produzir bolsas, chapéus, esteiras, urus, sacas e etc. Dona Mundeca era uma das mulheres que praticavam essa atividade como forma de ganhar dinheiro. Ela diz que esse trabalho hoje está sendo bem menos praticado por causa das derrubadas das carnaubeiras (para a construção de viveiros de camarão) e das cercas colocadas pelos carcinicultores. Entretanto este trabalho resiste, ainda sendo praticado por algumas pessoas da comunidade.

Renda de Bilros

A renda de bilros é um tipo de artesanato muito praticado em Curral velho e em toda a região. É feito sob uma almofada, onde se constrói a renda. As rendeiras usam papelão (que funciona como uma espécie de fôrma para a produção da renda), linha, espinhos e bilros. Dona Margarida é uma das rendeiras da comunidade, ela diz que antigamente a renda era um dos principais meios de sobrevivência do Curral Velho, porque o dinheiro era usado para os gastos domésticos familiares. Hoje esta atividade está sendo menos praticada porque se leva muito tempo para se produzir uma peça de renda, e nem sempre o que ganha com a venda cobre os custos do trabalho; por isso as pessoas preferem fazer outras atividades.

Grolados

O grolado é um tipo de comida muito apreciada em Curral Velho. Ele é uma espécie de farofa de tapioca usada para comer com peixe nas noites ao

redor das fogueiras. É feito utilizando coco ralado, goma de mandioca, sal e água. Para seu preparo se mistura os ingredientes e vai molhando com água aos poucos. Não pode deixar a mistura ficar muito molhada. Depois põe a assadeira para esquentar por dois minutos e em seguida coloca-se a goma, misturando e mexendo por cerca de um minuto. E o grolado está pronto para comer.

Pirão de Peixe

O pirão de peixe é outro tipo de comida muito conhecida em Curral Velho. Antigamente, as famílias formavam um círculo e colocavam o caldo do peixe em cada prato, seguido da farinha. Com a junção dos dois, se formava o pirão e as pessoas iam saborear aquele prato delicioso. Para seu preparo o peixe é levado ao fogo com verduras, água e sal e quando estiver fervendo, está pronto para fazer o pirão.

Sopa de Búzios

A sopa de búzios também é um dos pratos mais comuns em Curral Velho, a partir da coleta de búzios nas areias da praia e próximo ao mangue, atividade que garante a alimentação das famílias que retiram este sustento da natureza. As cozinheiras sempre fazem esse prato para os visitantes, sendo sempre aprovado. Para sua preparação os ingredientes usados são: búzio, leite de coco, verduras, sal, arroz e azeite. Ferve-se o búzio por três minutos, para tirar seu amargo. Depois coloca-se em uma panela todos os ingredientes e leva-se ao fogo para cozinhar por 30 minutos e búzio está pronto. O arroz que acompanha este prato é cozido à parte.

Rede de Pesca

A rede é uma das principais formas de se pescar no Curral Velho, sendo usada tanto em alto mar como em águas rasas. Elas são abertas e colocadas em fileiras. Depois de algumas horas, os pescadores começam a puxar as redes para recolher os peixes que ficaram presos nela. Existem muitas pessoas que constroem redes de pesca na comunidade. Para fazer a rede, esticam-se duas linhas com bóias (a espessura varia de acordo com o tipo de

pescaria realizada pelo dono). Se pega a 'panagem' com uma agulha com náilion e começa a entrelaçar a rede. Depois de entrelaçadas elas são chumbadas e levadas ao mar.

Curral de Peixe

É justamente este tipo de armadilha de pesca que dá o nome de nossa comunidade, sendo muito usada pelos pescadores para pegar o peixe. Ele é construído com madeira alta, náilon e arame torcido. João Honório, que construiu curral de peixe por muitos anos, nos informou que os currais eram uma forma de se ganhar dinheiro, porque antigamente existia uma fartura muito grande de peixes. Hoje essa atividade ainda é praticada na comunidade, ainda que não se tenha mais tanta fartura de pescado. O nome curral, que deu origem a nossa comunidade (Curral Velho), vem sendo substituído pelo nome Gamboa, por algumas pessoas, que não possuem conhecimento de seu valor histórico. Gamboa é um tipo de curral menor, colocado em águas mais rasas.

As partes do curral são:

- Espia: fila de paus fincadas, traçadas com cipó e varas.
- Sala Grande: formato de um cercado grande.
- Salinha: cercado menor que a sala grande.
- Chiqueirinho Grande: outro tipo de cercado.
- Chiqueirinho Falso: o menor cercado do curral, onde fica a maioria dos peixes que ficam no curral.

Farinhada

A farinhada é uma atividade, ainda hoje, muito conhecida e praticada em nossa comunidade. As famílias se reúnem na casa de farinha. É lá que se produz a farinha de mandioca e seus derivados, como a tapioca, a goma, o beiju, o lenço e a borra. Inicia-se o processo com a "arranca" da mandioca nas capoeiras ou roçados. Depois de colhida ela é transportada em caçoas, no lombo de animais, até o local onde será feita a sua "raspagem". Depois de raspada a mandioca é colocada no serrador para ser moída e inicia-se o processo de

escoação, na qual a massa é colocada dentro de uma giranda — espécie de peneira que separa o líquido da massa.

O líquido é colocado dentro de um grande tanque para dar origem a goma e a borra. Já a massa é colocada numa prensa para secar. Depois de prensada, a massa é peneirada e levada a uma grande fornalha, mais conhecida por forno, para ser mexida pelo forneiro até dar o ponto, em outras palavras, transforma-se em farinha. A goma, depois de apurada, é lavada junto com a borra. Elas são levadas ao sol para secar. Depois de seca é peneirada e levada ao forno para se produzir a tapioca e o beiju. O restante é torrado para o consumo ou comercialização.

6. Música e Literatura de Cordel

Músicas

Filhos daqui

O litoral ainda ontem era tranquilo
O manguezal era lindo de se ver
Dentro do mangue existiam muitas gamboas
Onde meu pai pescava pra gente comer

Lá no salgado onde hoje é viveiro
Havia ilhas com grandes carnaubais
Onde mulheres acordavam bem cedinho
Pra tirar palha e espinho pra fazer artesanato

E hoje vejo quase tudo desmatado
O mangue amarelado é grande a destruição
Sinceramente hoje eu choro de tristeza
De ver tantos forasteiros destruindo a região

Somos filhos daqui,
Se não tomarem providências não temos pra onde ir
Com a ajuda de Deus
Todos esses forasteiros
Vamos retirar daqui.

Um pouco de nossa história

Vamos contar um pouco de nossa história
Que iniciou em noventa e nove
A nossa luta se iniciou assim
Contra carcinicultura
Trazendo tudo o que é de ruim

E o nosso povo que queriam expulsar
Resolveram entrar na luta
Para essa área preservar
Com união o povo se mobilizou
Com facão, machado e foice
O povo se preparou

Cortaram arame,
Estacas tocaram fogo
E o empresário dizia:
Esse povo está louco!

E foi assim que conseguimos barrar
A tal carcinicultura
Aqui do nosso lugar
E foi assim que conseguimos evitar
Que cortassem todo mangue
Aqui do nosso lugar.

Literatura de Cordel

Durante a coleta de objetos descobrimos que o senhor Manuel Honório possuía uma coleção de folhetos de literatura de cordel, junto aos outros objetos que vinha juntando e cuidando há um bom tempo. Os mais antigos cordéis datam da década de 1950, de títulos, autores e editores clássicos. Entre os títulos, histórias como As proezas de João Grilo (João Martins de Athayde); A história completa da donzela Teodora e Branca de neve e o soldado guerreiro (Leandro Gomes de Barros); Uma queixa de Satanás a Cristo (José Faustino); A propaganda do matuto com um balaio de maxixe

(José Pacheco); História de D. Genevra (José Bernardo da Silva).

A existência desta coleção em Curral Velho demonstra a grande circularidade que estes folhetos tiveram no interior do Ceará e, aliadas aos vários depoimentos dos guardiões da memória, dão-nos indícios para imaginar as práticas de leitura e contação de estórias que embalavam as noites de lua cheia ao redor das fogueiras no Curral Velho de antigamente.

Além desta coleção já existente, tomamos conhecimento que a literatura de cordel também é praticada no Curral Velho dos dias atuais. Foi assim que publicamos dois títulos: As dramistas do Curral Velho, de Maria do Livramento (Mentinha), e História de Curral Velho, de José Édson, lançados durante a programação de abertura da exposição Historiando Curral Velho, realizada no dia 13 de dezembro de 2009, no Centro de Educação Ambiental e Turismo Comunitário Encante do Mangue. Na produção literária mais recente, a pescadora Maria do Livramento Santos, que é mais conhecida como Mentinha, fez vários cordéis que contam mais um pouco da história do lugar e da luta da comunidade. São outros versos que poetizam a existência e os modos de viver e lutar do povo de Curral Velho.

Curral Velho Antes e Hoje
(Maria do Livramento Santos – Mentinha)

Curral Velho é o meu lugar
Onde nasci e me criei
Onde tantas vezes na areia branca
De cozinha eu brinquei
Meus pais me contavam histórias
Por elas me apaixonei

Eles contavam que Curral Velho
Era bem apreciado
Onde havia tantas farturas
Da agricultura e do pescado
Eram as únicas sobrevivências
Mas vivíamos sossegados

Todos tinham liberdade
Não havia privatização
Ninguém não tinha pressa
Para procurar alimentação
Recebíamos nosso irmão
Que vinha da cidade ou do sertão

Curral Velho é pequeno
Mas é impressionante
Sua estrutura bem simples
De quase quatro mil habitantes
Existe seus altos e baixos
Mas é perseverante

Nessa época não existia
Nenhuma empresa por sinal

Só havia duas salinas
Onde se fazia sal
Ela nunca nos prejudicou
E nem tampouco nos fez mal
Havia manguezais
Verdes e produtivos
Ilhas e Gamboas
Com produtos bem sadios
Com a criação de camarão
Poluíram nossos rios

Ainda temos a nossa praia
Uma das mais ricas da região
Um porto de muita freqüência
Com várias embarcações
Hoje se encontra sem nada
Por causa da criação de camarão

Enfrentou muitos perigos
A nossa comunidade
Não do nosso povo não
Pois não havia necessidade
Foram déspotas gananciosos,
idiotas, irresponsáveis.

Fomos bastante ameaçados
Não sabíamos o que fazer
Só andávamos angustiados
Não tínhamos prazer de viver
Mas nunca se acovardamos
Enfrentamos a luta pra valer

Foram noites mal dormidas
Lágrimas que eu nunca chorei
Palavra que vinham na boca
Que eu nunca pronunciei
Coragem que não existia
Mas na luta eu encontrei

Tive medo de enfrentar a luta
Em defesa do manguezal

Mas se eu fosse deixar para lá
Isso ia me fazer mal
Foi encarando os perigos
Que adquirimos o centro
De educação ambiental

Eu nunca me conformei
Com essa situação
Ainda fico inquieta
Ao ver a destruição
Quase tudo foi tomado
Pela criação de camarão

Não gosto de me agarrar
Nos momentos mal vividos
Desde o ano de noventa e nove
Até o ano de dois mil e cinco
Quando lembro do que passamos
Mais angustiada me sinto

O bom nessa história
De tudo que aconteceu
Foram as fortes emoções
Mas ninguém matou nem morreu
Desde o começo da luta
O Senhor nos protegeu.

Em nome da associação
De marisqueiras e pescadores
Eu quero parabenizar
Todos nossos assessores
Que nos deram toda assistência
foram bons educadores

Estou falando do CAT
Terramar e CPP
E da boa participação
Da famosa UFC
E aos demais companheiros
Queremos agradecer.

Ostras
(Maria do Livramento Santos – Mentinha)

Ostras marinhas bem conheço,
Produtos valorizados
Que sabe o que é ostras
Entende de pescados
Elas nascem nas raízes,
Dos mangues preservados.

Conheço esse produto
Como palma da minha mão
Me alimento bastante dela,
Protege até pulmão
Coma bem ostras marinhas
Alimente-se meu irmão!

Quem não conhece as ostras
Procura conhecer
Veja quanto vale a pena
Este marisco permanecer
Nos manguezais ou cultivos
Para alimentar você

Conheço companheiros
Com a chuteira pendurada
Uma feita convidei
Para uma boa mariscada
Lá eles deram de cara
Com as famosas ostras assadas

Cozida também é boa
Com limão cachaça e sal
Encoraja você
Levanta o seu astral
Só porque são geradas
Pela força natural

O pó de suas cascas
Cura até enfermidades
Alguns as utilizam
Fazendo artesanatos
Outros por não conhecer
Jogam produto no mato

O caldo dela serve
Para curar tuberculose
Tem pessoas que não acreditam
Do que elas são capazes
Seu sabor é diferente
Dos produtos artificiais
Seu filé vale a pena
Você saborear
Quanto mais você come
Mais saúde ele dá
Fortalece seu potencial
Quem for solteiro quer casar

Ostra é coisa boa
Acredite meu irmão
Ajuda você na saúde
Faz bem ao coração
Quem sabe elas fazem
Você fabricar cristão

Ostras, amecha, sarnabi
E outros demais mariscos
Quem criar em cativeiro
Você também corre o risco
Não utilize produtos químicos
E fique distante do lixo

Tenho certeza companheiro
Que você não se dá mal
Queira conhecer melhor

O que há no manguezal
Seus produtos tem proteínas
Pois eles são naturais

Às vezes a medicina
Do coitado não tem dó
Não cura a doença dele
Pobre sofre que só
Fica logo no fundo da rede
Pensando no pior

Quero dizer amigos
Que tem algo bem melhor
Estou falando de ostras marinhas
Gostosa como ela só
Experimente esse produto
Você dança até forró

Quem come ostra não enjoa
Pois não tem como enjoar
A bicha é gostosa
Venha dela experimentar
Conheça ostras marinhas
Do meu querido Ceará

Ostras também faz sucesso
Você pode acreditar
Até porque é um produto
Que tem proteção do mar

Vamos preservar essa espécie
Pois o homem quer acabar
Aos criadores de ostras
Quero mandar meu recado
Vamos juntos preservar o mangue
Não deixando virar roçado
Por causa da carcinicultura
Nossos produtos estão acabados

Espécies como ostras
Sarnanbi e sururu
Essas ainda existem
Difícil pra xuxu
Lutamos fortemente
Ceará, Bahia e Rio Grande do Sul

Se você quiser saber
Do que as ostras são capazes
Conheça Curral Velho
Eu te ensino muito mais
Mostramos os estuários dos nossos manguezais

Aqui termino esse poema
Pedindo carecidamente
Vamos preservar a zona costeira
Pois também é meio ambiente
Se não tem mais ostras
Para alimentar nossa gente.

Poema das Pescadoras
(Maria do Livramento Santos – Mentinha)

Colegas pescadoras
Do nosso Brasil amado
Você que pesca mariscos
Não vamos desanimar
Vamos estar sempre de olho
Nesses produtos do mar

Sabes porque amiguinhas
Que falo dessa maneira
É que o problema é seríssimo
E não é de brincadeira
Vamos preservar nossos produtos
Pois somos nós as marisqueiras

Nas noites enluaradas
Há no meio das Gamboas
Mulheres experientes pegam
Logo sua canoa
Lançam sua redinha
Eta que mulher garoa

Mulheres inteligentes
Que se oponham na guerra
Essas defendem os mariscos
E os animais da terra
Elas não perdem por esperar
A vitória dessa guerra.

Eu lembro muitas vezes
Eu saio pra pescar

O sururu, o aratum
E o caranguejo uçá
A ostra nem se fala
Essa é boa pra daná
No estuário manguezal
Existem espécies fascinantes
Conheço todas de perto
Não esqueço um só instante
Fico triste de saber
Que o homem destrói a cada instante

Os mariscos não se encontram
Aí pelas calçadas
Eles nascem da lama negra
Recebe acesso da água salgada
Gerado da natureza
Que Deus dá e nunca se acaba

Se algum dia os ecossistemas
Forem destruídos por inteiro
Daí quero ver o homem
Comer bem e respirar dinheiro
Depois sua vida também
Entrar em desespero

No caminho de mangues verdes
Onde meus pés iam passando
Até hoje não passam mais
Porque estão me vigiando
É tão triste para mim
Que fico quase chorando

Os mariscos tem que viver
Em lugar bem preservado
Onde só passa a maré
E não seja contaminado
Onde não passa nem o cheiro
Do tal camarão clonado

Aos navegantes da vida
Que encaram a verdade
Sem os peixes em extinção
Com todos na liberdade
Mantendo os ecossistemas
Sem nenhuma perversidade

Por culpa do tal homem
Não podemos mais pescar
Nem nos rios de água doce
Também dentro do mar
Não existe mais nada
O que vamos fazer lá?

Espero terem gostado
Desse pequeno poema
Em homenagem as pescadoras
Acho que valeu a pena
Seria bem que nós nos
encontrássemos
Na Praia de Iracema.

Rastros na Lama do Manguezal
(Maria do Livramento Santos – Mentinha)

Aos seis anos de idade
Conheci os manguezais
Seu verde maravilhoso
Produtivo por demais
Deixei rastros de lama
E não esqueço jamais

Deixando rastros de lama
Eu pegava o caranguejo
Gritava pela colega
Cadê tu que não te vejo
Ela respondia bem pertinho
Também peguei caranguejo

Pescávamos seus produtos
Na maior satisfação
As áreas verdes manguezais
Nos chamavam a atenção
Hoje estão sofrendo
Com a tal devastação

Há cinco anos atrás
Eu defendo os manguezais
Conheço sua importância
Isso tudo me atrai
Deixei rastros na lama
Andando nos manguezais

Sou fã dos manguezais
E de tudo que nele há
Conheço sua beleza
Por ele vou lutar
Deixando rastros na lama
Nos manguezais do Ceará
A praia que não tem mangue
Não tem animação
Não produz e não tem nada
Causa até furacão
Bom é quando tem mangue
Fazendo sua proteção

As quatro espécies de manguezais
São todas impressionantes
Com caule, sombras e frutos
Seus estuários excelentes
Deixando rastros de lama
Defendendo nesse ambiente

Em todo o litoral
Onde existem os manguezais
Pescadores e suas crianças
Todos vivem a vontade
Por saberem que sua proteção
É uma cultura de verdade

Os bosques de manguezais
São feitos por natureza
Seus produtos são valiosos
Isso digo com firmeza
Deixei rastro de lama
Contemplando sua beleza

Por causa da queimação
Que houve nos manguezais
Até Gamboas subterram
E não enchem jamais
Sumiram até os peixinhos
Que davam nos currais

Rastros na lama eu sempre deixo
Quando no mangue vou entrar
Ligeiramente eu me lembro

Qual espécie eu vou pescar
Será que é ostra, sururu
Ou caranguejo uçá?

Só que essas espécies
Muitas delas se acabaram
Sofreram grandes ameaças
De fogo e maquinário
Então os bichinhos sumiram
Do seu lindo estuário

O manguezal é uma árvore
Muito bela e cheirosa
Mas instalou-se dentro dele
Uma atividade escandalosa
Estou falando da carcinicultura
Essa coisa ridícula e sebosa

Ainda sinto falta
Dos meus rastros de lama
Aquela coisa negra
Que muitos a difamam
Essa também foi revirada
Pelos que não a amam

Tudo isso faz parte
Do ecossistema manguezal
Essa floresta maravilhosa
Que vive no litoral
Mas tudo está se acabando
Por causa do capital

Muitos Estados se manifestaram
Na luta pelo manguezal
Mas com licença do Ceará
Esse sim deu de pau
Em cima dos carcinicultores
Que invadiu seu litoral

O Brasil tem muito a aprender
Sobre o valor desse ecossistema
Se para o governo não vale nada
Pra nos pescadores vale a pena
Espero que SEMACE e IBAMA
Não licencie mais e aprenda

Eu nunca vou me calar
Diante da injustiça
Pode ir para lá, pode vir para cá
Pois eu não tenho preguiça
Se a coisa não se ajeitar
Em nosso país não tem justiça

Para defender os manguezais
Não importa onde estou
Ou que seja no Brasil
Ou até mesmo no exterior
Defendo do mesmo jeito
Pois por ele tenho amor.

7. Guardiões da Memória

Durante nossa pesquisa realizamos um mapeamento dos mais antigos moradores do Curral Velho. Divididos em duplas, coletamos os depoimentos sobre suas vidas e os registramos. Seguem os relatos de histórias de vida destes guardiões da memória local, pessoas importantes para a construção e preservação da história, da memória e do patrimônio cultural da comunidade.

Assis Honório

Meu nome é Francisco de Assis Honório, nasci no dia 20 de março de 1934, em Curral Velho. Na minha família eu conto dezoito pessoas comigo. Pesquei durante toda a minha vida, mas também exerci outras atividades como carpintaria e agricultura, que aprendi com meu pai, indo trabalhar com ele. A pesca e a agricultura eram as nossas fontes de renda, antigamente.

O Curral Velho de hoje mudou muito. Antes a água era de poços e cacimbas e hoje já temos água encanada. As casas eram iluminadas a luz da lamparina e agora utilizamos energia elétrica. Mudaram os transportes, mudou tudo...

Antigamente eu gostava muito do jogo de futebol que acontecia no campo durante as tardes, até quase escurecer. Outra diversão eram as festas que aconteciam todos os sábados, em lugares variados. Tinha festa no salão do finado João Rocha, no Curral Velho de Baixo, no prédio da escola, outras aconteciam nas casas de pessoas da comunidade. Neste tempo as festas tinham de tudo: dramas, sanfoneiros... Lembro que eu dancei muito...

As primeiras escolas funcionavam nas casas de pessoas da comunidade, como na do finado Sales. As primeiras professoras que eu lembro foram a Dona Mariquinha, a Maria Amélia, a Dona Nica. Mas a minha primeira professora foi à Dona Diomar. Eu eduquei meus filhos levando eles para trabalhar comigo.

De toda a nossa história, uma que mais me marcou foi a construção do

Centro Comunitário. Foi uma novidade boa que antes não tinha e trouxe muitas pessoas que hoje ajudam a comunidade. O que mais me orgulha em Curral Velho é ter vencido a luta conta os carcinicultores.

Antigamente se contavam muitas histórias, como a historia de Lampião, de Camões, de princesas, tantas que nem lembro. A pescaria de antes era melhor porque tinham mais peixes, eram 'canoadas' de peixes, hoje tem pouco. Nós devemos preservar a arte de pescar porque isso é a nossa cultura, é a nossa maneira de sobreviver.

Manuel Honório

Meu nome é Manuel Honório do Carmo, nasci em Curral Velho no dia 13 de novembro de 1945. Minha família é composta de 13 pessoas. Pai, mãe e 11 irmãos, sendo dois adotivos. Sempre trabalhei na agricultura plantando, batata, feijão, milho, coco, macaxeira; e na criação de animais, criando cabra, porco, galinha, gado. Aprendi estas atividades sendo incentivado pelos meus pais.

O Curral Velho de antigamente tinha poucas casas, não era muito povoado. Desse tempo já foi quase tudo transformado. Os meios de transporte eram o cavalo e muitos andavam a pé, hoje tem carros, motos, bicicletas. Antes a água era de cacimbas e corrente; hoje é água encanada, que chegou através do projeto São José. A única forma de comunicação que nós tínhamos eram as cartas. Nossas moradias eram casas de barro e palha. As pessoas cuidavam da saúde curando suas doenças com remédios caseiros (remédios do mato).

Em nossas festas havia sanfona, drama e cantoria. As festas aconteciam em Imburana (festa de dança, coroação), na casa da finada Mariazinha (festa religiosa, novena do mês de maio, coração), no Salão do João Roela (festa junina e Carnaval), nas residências, de preferência nas que tinham sala grande (o Drama).

Nossas fontes de renda eram a pesca, principalmente quando dava uma boa safra de sardinha, venda de artesanato, renda de bico, farinhada (agricultura), salinas. Na nossa forma de pescar de hoje, quase nada mudou, ainda pescam de tarrafa, gererê, linha e rede.

Quando eu era criança a gente estudava, trabalhava na roça (ajudando nossos pais) e brincava a noitinha. As primeiras escolas funcionavam nas casas dos professores. Os primeiros professores foram Dada, João Luiz, Maria Augusta, Mariquinha Monteiro, Dona Dica.

Como não havia igreja, as pessoas se reuniam nas casas dos moradores para realizarem novenas e missas. Entre os fatos que mais me marcaram está a Ponte da Imburana, trazida por meio do Sr. Manoel Thiago por causa da seca, para dar emprego ao povo; e a construção da 'sede', o Centro de Educação Ambiental e Turismo Comunitário Encante do Mangue, com o objetivo de combater a carcinicultura.

Hoje sinto saudades dos meus pais e irmãos. Das fogueiras compridas e enfeitadas de fita. Dos homens de camisa de chita, dançando o São João da roça. Eu guardo os objetos antigos porque não gosto de vê-los destruídos. Acredito que eles têm um grande valor, pois quando a gente vê os objetos se lembra de coisas acontecidas em outros tempos, de pessoas queridas como nossos pais, tios e amigos que hoje não se encontram mais em nosso meio. Por meio desses objetos acabo mostrando como o povo vivia antigamente.

Não gosto muito de mostrar o que guardo, porque o povo fica me chateando e mangando desse meu costume de colecionar coisas antigas. Eu gostaria de deixar esses objetos para alguém que dê continuidade a essa história. Eu morrendo, quem ficar é que deve tomar conta.

Dona Eulina

Meu nome é Eulina Maria da Silva, nasci no dia 8 de outubro de 1923, tenho 89 anos, moro em Curral Velho com minha família, composta por dez pessoas. Antigamente, eu trabalhava fazendo dramas e 'torceira' de palha.

Aprendi a fazer drama com 13 anos de idade, com a minha mãe, Dona Altina. Nós íamos de jumento ou de cavalo para fazer o drama. Lembro que o drama foi trazido para o Curral Velho através da Maria Ofila, de Acaraú. Na época de comemorar os santos as pessoas faziam fogueira e ficavam ao redor dela assando peixe, carne e jerimum. A gente se animava com as novenas, os dramas e os reisados.

Quando criança, nós brincávamos com bonecas feitas de sabugo de milho, de esconde-esconde, de caiu-no-poço, de camaleão etc. Nossa água era de cacimba e a luz de lamparina. Quando alguém adoecia era levado deitado numa rede para o hospital na cidade do Acaraú. Para nos comunicarmos, só indo até a casa da pessoa para dar o recado.

Neste tempo, Curral Velho era muito bom, pois havia muita fartura de peixe, siri e de várias outras coisas. O Curral Velho era muito animado, todas as pessoas comemoravam as festas com tranqüilidade e sem brigas.

Dona Librada

Meu nome é Librada Miranda Honório, nasci em 14 de junho de 1939 em Curral Velho. Minha família, que era composta de doze pessoas, hoje só possui três. Eu era artesã, dramista e rezadeira. Aprendi a rezar com um homem de 90 anos. Antigamente, eu vendia renda em Fortaleza.

Não existia nada no Curral Velho 'de primeiro'. Não tinha luz, água encanada, médico ou telefone. Para o Acaraú, o transporte era a pé. Sempre se viveu em nossa comunidade da pesca, do artesanato e da agricultura.

Divertíamos-nos através de festas, dramas, bazar e reisado. As festas aconteciam no salão e na Imburana, que era a coroação. A comunidade foi sempre muito católica.

Entre os fatos que mais marcaram nossa comunidade, destaco a construção do Centro comunitário, as brigas contra a carcinicultura e a Igreja. Antigamente, contavam-se muitas histórias de Trancoso e me lembro bem da história do Saci-Pererê, que aparecia no mangue para muita gente.

Miguel Barbosa

Meu nome é José Miguel Barbosa e nasci em 26 de agosto de 1948. Não nasci no Curral Velho, mas cheguei aqui há muito tempo, em 1962, em busca de melhores condições de vida.

No Curral Velho de antigamente existiam poucas casas, era quase um deserto de gente, havia muito mato. O transporte era feito apenas no lombo de animais, tirávamos água da cacimba, a luz vinha da lamparina, a comunicação era através de carta e a moradia de palha e taipa. Antigamente, nós nos divertíamos através das novenas, do reisado, das quermesses, do Cassimiro, que era uma espécie de boneco etc. Quando eu era criança ouvia muitas histórias de lobisomem, bruxa, saci, mula-sem-cabeça, contadas ao redor da fogueira pelos mais velhos.

Sempre vivi de agricultura. Nossas fontes de renda sempre foram agricultura e pesca, mas antigamente também tinham as salinas. A pesca antiga era feita apenas nos currais de pesca. Eu também faço colorau, que aprendi olhando os outros fazerem. Primeiro se pega o urucum e tira todas as sementes. Coloca óleo e farinha e se pisa no pilão. Depois coloca para secar e põe na embalagem para comercialização ou para o consumo próprio.

A maior parte da comunidade era católica e praticavam sua religião em casa mesmo, pois não havia igrejas ou templos religiosos. A luta contra os carcinicultores marcou muito a nossa história, porque eles queriam destruir o mangue, de onde muitas pessoas tiram o seu sustento.

Afonso Bernando

Meu nome é Afonso Bernardo da Silva, nasci em Curral Velho no dia 15 de setembro de 1929 e minha família era composta por 8 pessoas. Sempre fui pescador e agricultor, mas, além disso, eu colocava reisado, o que aprendi a fazer sozinho, observando os grupos que aqui passavam.

As casas eram distantes uma das outras. Curral Velho mudou muito, os meios de transporte eram os animais e quem não tinha animais tinha que ir a

pé. A água era tirada de cacimbas, hoje a água é de boa qualidade. A iluminação era através de lamparina ou lampião, hoje temos energia. A saúde era muito difícil porque as pessoas tinham que se deslocar até a cidade de Acaraú. Os meios de comunicação eram o rádio e a carta. Hoje, com os avanços as coisas se modificaram, sempre para melhor. A casas eram de palha e taipa, hoje a maioria é de tijolos.

A diversão era no Reisado, na cantoria, no drama, no samba e no futebol. Tinham muitas festas, que aconteciam nas casas das pessoas, festas religiosas (novena e as demais citadas). As atividades principais eram a pesca, a agricultura, mas também se fazia muito artesanato de palha da carnaúba. Se antes as pessoas pegavam o peixe através de currais de vara, hoje utilizam arame e náilon.

Os alunos aprendiam através de cartilhas do ABC e quem não soubesse a lição apanhava com um "bolo". As escolas eram nas casas e as professoras antigas eram Maria Amélia, Mariquinha e Ducéu. Praticava-se a religião católica, mas somente nas casas das pessoas.

As coisas que mais me lembro são as safras boas dos peixes de antigamente e os protestos em defesa dos manguezais. Das lendas da comunidade, falava-se muito do lobisomem e do fogo da velha. Já botei muito reisado. Comecei a participar por curiosidade e para provar que eu tinha capacidade. O grupo de reisado era composto por seis pessoas. Os personagens do nosso reisado eram o cabeça de fogo (caburé), o caçador, o bode, a burra, o jumento e o boi. Uma apresentação durava cerca de oito horas, indo das 21 às 6:00hs da manhã. Aconteciam as apresentações nas casas das pessoas. Hoje, às vezes vejo o reisado na televisão e me dá uma vontade de praticar novamente.

Raimunda Maria da Silva

Meu nome é Raimunda Maria da Silva, tenho 76 anos, e nasci aqui mesmo no Curral Velho no dia 06 de janeiro de 1933. Trabalhei muitos anos da minha vida produzindo artesanato feito de palha de carnaúba. Eu fazia chapéus, bolsas, esteiras dentre outros produtos.

Mas com a chegada das fazendas de camarão os terrenos foram cercados e conseguir palhas para trabalhar ficou muito difícil. Antes não tinha cerca na comunidade e a gente podia andar a vontade e desfrutar de tudo o que a natureza nos ofertava. As principais fontes de renda da comunidade eram os roçados, os currais de pesca, a salina e as farinhadas.

No Curral Velho muitas coisas mudaram, aqui era muito pobre, não existia nada de estrutura. Não existia telefone, água encanada, luz e nem transporte. Se quiséssemos ir até o Acaraú tínhamos que ir de pé. Mas do que eu tenho mais saudade desse tempo é da fartura dos alimentos, pois quando o assunto era comida, nada faltava... Era muita farinha, peixe e feijão.

Aqui também era muito animado, o forró era muito diferente e nem se compara com o de hoje. Vinha tocador de fora para as festas que aconteciam no Curral Velho. Tinha, também, o reisado e o drama que eram muito divertidos. As festas aconteciam no salão e as coroações na Imburana.

Raimunda Júlia

Meu nome é Raimunda Júlia, nasci aqui mesmo no Curral Velho no dia 25 de agosto de 1926. Sempre trabalhei ajudando minha mãe em casa, nos afazeres domésticos.

A vida aqui no Curral Velho está muito diferente. Antigamente existiam poucas casas e eram todas distantes umas das outras. O meio de transporte mais utilizado eram os animais e a maioria das pessoas andava a pé para todo lado. Naquela época, quem tinha um cavalo era como se tivesse uma moto nos dias de hoje. A água utilizada nas casas era retirada de cacimbas e levada no lombo de animais.

Quando as pessoas tinham alguma doença grave eram levadas para serem tratadas em Acaraú, pois não havia postos de saúde nas proximidades. Não havia energia elétrica e a iluminação era por meio da lamparina a gás. Quem não tinha dinheiro para comprar o gás esquentava a gordura da sardinha para fazer o combustível. Hoje tudo isso melhorou.

A forma de ensino era o chamado Mobral. As professoras ensinavam em

suas próprias casas e os alunos usavam canetas que não tinham tinta. Era preciso colocar a caneta dentro de um frasco com tinta para molhar a ponta para poder escrever. As primeiras professoras foram Ducéu, Amélia e Dona Dica.

O Curral Velho era a terra da fartura. Na grande safra era tanto peixe que às vezes tínhamos que jogar fora, pois as mulheres não davam conta de tratar. Os currais, que antes eram feitos de varas e cipó, ficavam carregados de tanto peixe que dava. Hoje já não temos tanta pescaria e os currais são feitos de arames e náilon.

O que eu tenho mais saudades daquele tempo antigo é dos meus familiares e das diversões como o reisado, as cantorias, os dramas e o futebol. Algumas festas aconteciam na bodega do Senhor Crispim e vinha gente de tudo que era lugar...

8. Sobre os autores

Alexandre Oliveira Gomes

Possui graduação em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente é Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGA/UFPE), no qual desenvolve pesquisa sobre etnicidade, museus indígenas e coleções etnográficas no Ceará. Esteve vinculado ao Museu do Ceará entre 2001 e 2010, inicialmente como bolsista e posteriormente como pesquisador, gestor e técnico do Sistema Estadual de Museus do Ceará (SEM-CE). Tem experiência na área de História e Patrimônio Cultural, com ênfase em História e Antropologia indígena, atuando principalmente nos seguintes temas: história e antropologia indígena no Ceará, memória social, etnicidade, museus indígenas e comunitários, políticas culturais, gestão museológica, patrimônio e organização/movimentos sociais.

João Paulo Vieira Neto

Possui graduação em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente é Mestrando em Patrimônio Cultural pelo Programa de Especialização em Patrimônio (PEP/IPHAN). É Assessor do Instituto da Memória do Povo Cearense (IMOPEC) e atua nos seguintes temas: história, patrimônio, cultura, memória, museus comunitários, educação patrimonial, grupos étnicos e museologia.

9. Fotografias

Foto: Arquivo Instituto Terramar

Foto: Arquivo Instituto Terramar

Foto: Camila Garcia

Foto: Arquivo Instituto Terramar

Foto: Arquivo Instituto Terramar

Foto: Camila Garcia

Realização

Apoio Institucional à Rede Tucum

Apoio Financeiro

Ministério do Turismo

Contatos

(85) 3226.2476
(85) 3226.4154
www.tucum.org
info@tucum.org

As idéias e os conteúdos expressos neste trabalho são de responsabilidade de seus autores/as e não refletem, necessariamente, os pontos de vista do Governo Federal/Ministério do Turismo e do Intervita Onlus-ITA.